

"Santas de casa" fazem, como sempre fizeram, milagres

» MARIA CONCEIÇÃO LOPES FONTOURA

Doutora em educação pela Ufrgs. Militante feminista e integrante de Maria Mulher — Organização de Mulheres Negras



Muitas mulheres já ouviram o ditado popular "Santa de casa não faz milagre". O brilho pessoal da "santa" não recebe a reverência merecida. O lustro fica encoberto pelo manto da invisibilidade. Sua grandiosidade não é espraída aos quatro ventos. Tais mulheres recebem a designação de "santas de casa". A escritora e poeta afro-gaúcha Fátima Farias, em magistral escrita poética, confeccionou belíssima escrivência sobre essas personas.

O livro *Santas de casa* descortina vivências de mulheres fantásticas presentes na vida dessa bajeense. A escritora, poeticamente, aborda histórias interessantes, fantásticas e cativantes vividas com três dessas vidas. A autora transitou por lembranças que me convocaram a realizar imersão em minha vida. Voltei ficticiamente à cidade que abandonei há mais de cinco décadas. Revi os 19 anos em que lá morei. Encontrei minhas "santas de casa".

A viagem ao passado certamente ocorrerá para quem se dispuser a ler a obra, independentemente da idade que possua. Cada qual recordará as suas. O escrito remete a aromas, gostos, encontros, desencontros. A beleza da escrita de Fátima Farias me leva a convidar pessoas admiradoras de boa leitura a mergulharem nesse livro. Trago, para ilustrar, fragmento da obra:

"Vó Quide, mãe Maria, tia Efigênia estão vivas em minha memória e genética. (...) as considero santas milagreiras sem altar, quando em pés firmes, se sustentavam na terra de chão batido, mãos ensaboadas esfregando roupas de ricos em pedras de arroyo, trocando fraldas de bundas brancas, suportando desaforos e humilhações, cozinhando cardápios caros sem sequer experimentar o sabor (...)."

A beleza da publicação de Fátima Farias tocou-me de maneira tal que me valho dela para falar de uma dessas "santas de casa" que julgo importante ser reverenciada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ufrgs). Digo que a persigo. Tenho sua presença, de forma indelével, em dois títulos acadêmicos. Fez parte de minha banca de mestrado nos anos de 1980. Engatei o doutorado 25 anos depois e a instei a participar da banca em que recebi o título de doutora em educação. Quem é?

Trata-se de mulher negra talentosa. Estudante de brilho farto, de inteligência aguçada

e com sabedoria extraordinária, é intelectual reconhecida dentro e fora das fronteiras do Brasil. Seria falar com a verdade, bem como demonstraria injustiça, dizer que seus talentos não foram enxergados em casa. Ela esteve presente nas redes pública e particular de educação do Rio Grande do Sul. Fez parte do Conselho Estadual de Educação. Lecionou disciplinas em cursos de graduação na Ufrgs. Participou da criação do Grupo de Estudo Sobre Cultura Negra na Faculdade de Educação, em 1988.

Sua vida está intimamente ligada à Ufrgs. Foi estudante do Colégio de Aplicação, do Instituto de Letras e dos cursos de pós-graduação em educação nos níveis de mestrado e doutorado. Essa "santa de casa" teve seus talentos reconhecidos fora do estado. A Universidade Federal de São Carlos (Ufscar) a convidou para lecionar, acolheu seu talento e estimulou a sua projeção nacional e internacional. Ela é professora emérita da Ufscar.

Neste momento, a Ufrgs, por meio do Conselho Universitário, prepara-se para prestigiar essa joia rara que, com seu trabalho no campo da educação, participou da inserção do compromisso da educação brasileira com a cultura africana e afro-brasileira,

ao emitir o Parecer nº 3/2004 das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana na educação brasileira.

A outorga do título de doutora honoris causa à professora Dra. Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva, carinhosamente chamada de Petrô, será o reconhecimento de que "santas de casa" fazem, como sempre fizeram, milagres. Foram e são importantes para a construção de uma sociedade justa, fraterna e solidária.

Para fechar esse texto, deixo reflexão da própria celebrada "santa de casa", Petronilha Beatriz Gonçalves Silva: "Engana-se quem pensa que o Sul é branco, teríamos sido assimilados a ponto de esquecer de nossas valiosas civilizações — entre outras, os reinos do Mali, de Gana, o império do Zimbábue, a nação da rainha Nzinga, as universidades de Tumbuctu, Gao, Djene. Engana-se quem não confia que possamos ter um projeto de sociedade em que todos, mulheres e homens, sejamos respeitados nas nossas particularidades, atuemos e participemos, cidadãos que somos, das decisões dos rumos a tomar".

Desafios e oportunidades na reciclagem

» MARCOS MATOS

Engenheiro e cofundador da Eureciclo

Em meio às notícias frequentes sobre eventos climáticos extremos, lembramos que, nesta semana, comemora-se o Dia Internacional da Reciclagem (17), data que remete à necessidade de trabalho contínuo de toda sociedade para o tratamento correto das embalagens pós-consumo e de como a economia circular ganha força para enfatizar a necessidade de conscientização sobre escolhas por parte dos consumidores e das indústrias de produção em larga escala em relação a esse tipo de resíduo.

Segundo o relatório *Global Waste Management Outlook 2024* (GWMO 2024), da Organização das Nações Unidas (ONU), em escala mundial, aproximadamente 40% dos resíduos gerados são encaminhados a destinos inadequados. Na América do Sul, o percentual é de 34%, segundo a Associação Internacional de Resíduos Sólidos (ISWA). Os dados revelam, ainda, que o Brasil apresenta uma situação deficitária em relação à média global e do continente: aproximadamente 4% de aproveitamento, percentual em que está estagnado há anos, segundo a Abrema, representante da ISWA no país.

Também de acordo com o estudo, no Brasil, a produção de resíduos deve crescer mais de 80% e poderá passar de 2,1 bilhões para 3,8 bilhões de toneladas por ano até 2050.

Importante frisar que, diante do baixo índice de aproveitamento relativo à reciclagem no país, também existe um relevante gargalo econômico que poderia melhor suprir os catadores profissionais, já que materiais como plástico, papel, papelão, vidro e metais têm valor em volume e são descartados incorretamente.

O baixo percentual suscita reflexões e revela que são necessárias ações urgentes. Cerca de 2,7 bilhões de pessoas em todo o mundo não têm acesso aos serviços básicos de limpeza urbana, como coleta de lixo. Com isso, mais de 5 milhões de toneladas de resíduos sólidos deixam de ser coletadas anualmente e acabam descartadas no meio ambiente, com impactos negativos no solo, nos rios e na saúde da população.

Uma das soluções para o tema são os créditos de reciclagem ao setor privado, que precisa dar uma destinação correta aos resíduos. Os empresários podem contribuir com a estruturação de cadeias para a reciclagem de materiais complexos — como os diferentes tipos de plástico, como polipropileno e BOPP, embalagens cartonadas, vidro e tantos materiais que não são coletados por não ter valor atrativo para os agentes de reciclagem ou pela complexidade de tratamento dos materiais.

Além disso, ao direcionar para a reciclagem resíduos equivalentes aos seus, em peso e material, as empresas de bens de consumo

remuneram as centrais de triagem (cooperativas e operadores) pelo serviço ambiental prestado e recebem o Certificado de Crédito de Reciclagem de Logística Reversa como forma de comprovação legal, medidas regulamentadas pelo Decreto 11.413, que entrou em vigor em 14 de abril de 2023.

Dentro desse contexto de amplas oportunidades e atenção redobrada do poder público ao tema, importante frisar a chegada do Plano Nacional de Resíduos Sólidos (Planares), aprovado pelo Decreto nº 11043/2022, que prevê um piso de 30% para a recuperação das embalagens colocadas no mercado pelas empresas, além do encerramento de todos os lixões — é previsto o aumento da recuperação de resíduos para cerca de 50% em 20 anos.

Por meio do aumento do piso (que fora 22%), ao qual o setor privado é submetido para aplicação de logística reversa às embalagens em circulação no mercado, a remuneração às organizações de catadores aumenta, fortalecendo, também, os profissionais envolvidos. E, para completar o círculo virtuoso, o posicionamento mais transparente e assertivo das empresas e da sociedade em geral sobre as ações sustentáveis e a agenda ESG é essencial como parte do processo de educação ambiental relativa à pauta. O engajamento é coletivo, pois o futuro se recicla hoje.

Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circacunha.df@dabr.com.br

Vontade de arte

O senso comum ensina que distúrbios mentais que atingem familiares próximos causam mais doenças em decorrência do excessivo estresse nas pessoas ao redor do que nos próprios pacientes. A dedicação intensa, ao longo de toda a vida, à psiquiatria fez de Nise da Silveira (1905-1999) uma das heroínas do Brasil, principalmente quando provou que o trabalho e a interação com as artes e as plantas e animais domésticos tinham um valor terapêutico poderoso, até então desconhecido.

Mario Pedrosa, um dos mais importantes críticos de arte do país, sentenciou: "A atividade artística é uma coisa que não depende, pois, de leis estratificadas, frutos da experiência de apenas uma época na história da evolução da arte. Essa atividade se estende a todos os seres humanos e não é mais ocupação exclusiva de uma confraria especializada que exige diploma para nela se ter acesso. A vontade de arte se manifesta em qualquer homem de nossa terra, independente do seu meridiano, seja ele papua ou cafuzo, brasileiro ou russo, negro ou amarelo, letrado ou iletrado, equilibrado ou desequilibrado".

O texto acima foi escrito em 1947, por ocasião da primeira exposição de pintura dos pacientes do Hospital (manicômio) de Engenho de Dentro, trabalho então coordenado pela renomada médica e psiquiatra Nise da Silveira, introdutora, no Brasil, de um método revolucionário de tratamento humanizador para a esquizofrenia por meio arte. Somente quem já conviveu ou ainda convive com pessoas com quadro dessa doença mental sabe o que significa e qual a importância de tratamentos realizados sem agressividade, e não como eram feitos no passado, com eletrochoques, insulino terapia ou lobotomia.

Em 1946, Nise fundou a Seção de Terapêutica Ocupacional (STOR), onde montou ateliês de pintura e modelagem com o objetivo de, por meio da expressão simbólica e da criatividade, os internos conseguissem, de alguma forma, reatar os laços com a realidade. A importância de seu trabalho foi reconhecida em todo mundo por especialistas nessa área, inclusive pelo próprio Carl G. Jung, com quem manteve um longo relacionamento por cartas por mais de uma década.

No ateliê, conta Bernardo Horta, um dos seus ex-alunos, houve uma explosão de pinturas, desenhos e esculturas que Nise e sua equipe não esperavam. Nise, que já lia Jung, percebeu aquilo que o psicanalista afirmava: Se para o neurótico — o que seria todos nós, segundo Freud — o tratamento é por meio da palavra, ou seja, a psicanálise, para o esquizofrênico, segundo Jung, a palavra não dá conta. Para esse paciente, o tratamento deveria ser pela imagem. Ao divã e à palavra, preferidas por Freud, Nise optou pela expressão plástica como método terapêutico, conforme recomendava Jung, o que a levou a buscar um tratamento de fato para os pacientes e não simplesmente estudá-los.

Com isso, afirmam seus biógrafos, Nise aprofundou o trabalho e as ideias de Jung, levando esses novos conceitos de tratamento para muito além. Não surpreende que um trabalho tão fecundo tenha ainda hoje desdobramentos e muito vigor. O Instituto Nise da Silveira convocou uma série de grafiteiros para decorar os muros da instituição, transformando o local em uma galeria a céu aberto, com dezenas de painéis retratando pessoas que deram contribuição à chamada arteterapia, de forma que o hospital passe a ser visto como parte integrante da cidade.

Caso estivesse viva hoje, por certo Nise da Silveira, com a experiência que vivenciou durante a epidemia de gripe espanhola (1918-1920) e de posse de todo o conhecimento que acumulara na área de psiquiatria, teria um imenso campo pela frente para trabalhar as neuroses que a atual geração vem experimentando. Em última análise, um problema do mundo atual, com toda a complexidade de nosso tempo, a mudança de costumes e de paradigmas, em si, não é capaz de alterar em profundidade as características da mente humana. Os complexos e as neuroses humanas de ontem, são, no seu íntimo, as mesmas manifestadas hoje em dia.

Vários acontecimentos têm afetado a saúde mental de crianças e jovens, além dos adultos, afirmou Guilherme Polanczyk, da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, em matéria divulgada pela Agência Brasil. Segundo o psiquiatra, na época da pandemia, por exemplo, a situação de estresse nas crianças pode ter sido negligenciada, já que elas foram menos infectadas e o sofrimento pode ter passado despercebido.

» A frase que foi pronunciada.

"Ser espontâneo apenas significa ser coerente consigo mesmo."

Fayga Ostrower

» História de Brasília

Começou o plantio de grama no IAPI 105. A paisagem vermelha e agressiva, começa a ceder ante a presença do verde. A irrigação está com muito atraso e pode prejudicar os planos de jardinagem. (Publicada em 8/4/1962)